

RECHEIO

Serviço para Gil

Chegou ao 83.º lugar do *ranking* ATP. Frederico Gil é o melhor tenista português de sempre

14



Terror analfabeto

Os talibãs voltaram a governar em algumas zonas do Paquistão. As escolas femininas foram destruídas

26



Nº 128 • 21 Fevereiro 2009

tabu



16

Jacinta versão *pop*

E são mais três os espectáculos no São Luiz, depois de seis esgotados – Jacinta canta o *pop*



SECÇÕES

6 Vagamundos **10** Astros **12** Surfar na maionese **28** Famílias numerosas **42** Álbum **48** Na oficina de **51** Portugal revisto e aumentado **52** Bastidores **54** Saber comer **56** O sol da meia-noite **58** Quatro Rodas **60** Consumo **62** BD: Na Terra como no Céu **64** Viver para contar **66** Cinco sentidos

Voz à solta

Esgotou seis espectáculos no Teatro São Luiz e regressa para mais três actuações de **Jacinta Canta Songs of Freedom**. Um repertório com êxitos *pop* de U2, Beatles e Prince, com cunho de *jazz*

Texto de **Sandra Nobre**
Fotografia de **José Sérgio**

A PENAS um piano e um saxofone no palco à meia-luz e o Jardim de Inverno do Teatro São Luiz, em Lisboa, à pinha, num ambiente intimista de café-concerto. Na bilheteira há muito que se podia ler 'Esgotado' sobre o cartaz de espectáculos de Jacinta. Talvez fosse por isso que, mais tarde, a cantora de *jazz* confessaria o nervosismo invulgar. Quando juntou às notas iniciais do saxofone de Paulo Gravato e do piano de Pedro Costa a sua voz quente e poderosa, o público rendeu-se.

Não era só a voz, era a forma como interpretava **Where the Streets Have no Name**, dos U2, **Georgia on My Mind**, de Ray Charles, **Surfin' USA**, dos Beach Boys, e todos os êxitos que recuperou de James Brown, Prince, Stevie Wonder, Bobby McFerrin, Beatles, até a um arrepiante **Songs of Freedom**, de Bob Marley, cantado ao piano.

O repertório escolheu-o «com base na memória e sem ouvir



nenhum dos temas» antes de os trabalhar. O critério de selecção foram as mensagens «positivas e cheias de esperança». E sente essa «energia inexplicável» na sala assim que entra e recebe os aplausos iniciais.

Do 'Chuva' a NY

Jacinta brilhou numa longínqua edição do programa de novos talentos **Chuva de Estrelas**, em 1993, com **Summertime**. Natural da Gafanha da Nazaré, em Aveiro, contava no currículo o conservatório de piano e violino, experiências avulso na flauta e viola, um curso de composição clássica, ao mesmo tempo que cantava num grupo de rock sinfónico. Desse período ficou-lhe o hábito de trabalhar as músicas ao piano: «Quando não canto é assim que as estudo».

O salto na sua carreira aconteceu em 1997, quando se muda para os EUA para tirar um mestrado na conceituada Manhattan School of Music, em Nova Iorque. «Ser exposta a registos musicais tão diferentes



Os álbuns **Convexo** (2007) e **Day Dream** (2006) revelam a versatilidade do repertório, o primeiro, em português com músicas de Zeca Afonso, o segundo com temas de Duke Ellington e Monk

procurava o *swing*, o tempo do jazz que tem sido «uma aprendizagem permanente», que lhe permitiu desbravar outros caminhos: Zeca Afonso, autores brasileiros ou, agora, os êxitos *pop* das décadas de 60, 70 e 80.

O regresso a Portugal dá-se no Centro Cultural de Belém, a convite do trompetista Laurent Filipe, perante uma sala cheia para a ouvir cantar Bessie Smith. Ela era a deusa branca

numa carreira mais sólida, com equipa própria de *management*, desde 2007. «Os artistas são como empresas, temos de investir em nós. Talento há muito, mas é preciso construir uma carreira e não fazer apenas um punhado de concertos». Organizou uma *tournee* nacional que culminou agora nos espectáculos esgotados em Lisboa, que levaram o São Luiz a agendar mais três con-

tos altos. Cansou-se da ditadura da imagem imposta pela discográfica enquanto *marketing* para os seus álbuns: «Um artista precisa de liberdade a muitos níveis, inclusive na comida, as frustrações na vida transmitem-se no palco». Não esconde que lucrou muito com a visibilidade que outras caras bonitas começaram a ter: «Quando lancei o meu disco, logo a seguir à Norah Jones ter conquistado um disco de ouro, o público estava muito receptivo ao jazz».

Aos 37 anos, mãe de Catarina (de oito), assume que as mudanças e o crescimento interior fizeram dela melhor cantora. «O facto de ter-me desenvolvido como pessoa ajudou-me a encontrar a minha voz».

Enquanto Jacinta canta **Songs of Freedom** continua em espectáculos pelo país, a artista dedica-se a outros projectos. E talvez volte à América em breve. «Estou a trabalhar em dois projectos, um com uma *big band* e outro em duo com o pianista James Weidman [com quem gravou o segundo disco], que tocou com Cassandra Wilson ou Abbey Lincoln, este para a internacionalização». É o próximo passo.

sandra.nobre@sol.pt

'Um artista precisa de liberdade a muitos níveis, inclusive na comida, as frustrações na vida transmitem-se no palco', reconhece Jacinta

abriu-me horizontes. Sabia que era um jazz mais intelectual que queria, mas não conhecia o meu lado mais emotivo de cantora de jazz».

De dia, frequentava *workshops* com os melhores do jazz contemporâneo – Maria Schneider, Ed Neumeister, Mark Murphy, Dave Holland, Annie Ross –, à noite, cantava em clubes sob o olhar atento da crítica especializada que não poupava elogios.

Jacinta vivia para a música,

com voz negra. Dois anos depois, veio apresentar o seu repertório de Thelonious Monk.

Enquanto em Portugal ganhava cada vez mais protagonismo, o mercado americano atravessava uma crise das empresas tecnológicas que se ressentiu no meio musical. Não precisava de pretextos, mas aproveitou a conjuntura adversa para voltar às raízes.

Deu aulas, andou sem rumo certo até se decidir a apostar

certos, 26, 27 e 28 de Fevereiro.

A vida na estrada, as férias adiadas há anos, o *stress* pesaram no seu estilo de vida e na sua imagem. A figura franzina que surgiu na capa dos discos que gravou para a mais prestigiada editora de jazz, a Blue Note [**A Tribute to Bessie Smith** (2003) e **Day Dream** (2006)], já não se lhe conhece. Nesse tempo, sentia a pressão a moldar-lhe a silhueta, que exibia orgulhosamente em vestidos justos e sal-